

esse LUGAR
que a AUSÊNCIA
OCUPA

Vanessa Augusta



USE LUGAR
que a AUSÊNCIA
OCUPA

Vanessa Augusta

Publicação Independente, 1ª Edição.
Natal, julho de 2022.

Ficha técnica

Publicação independente. © Julho de 2022, **Vanessa Augusta**.

ISBN:

978-65-00-48218-8 (Origem: CBL)

Autora e revisora:

Vanessa Augusta, @vaguta

Capa, foto da capa, diagramação e projeto gráfico:

Caroline Macedo, @caroldasfotos

Tipografia:

Crimson Text Regular, **Bold** e *Itálico*.

Prefácio

Seus poemas apresentam uma relação negativa com o tempo, como se estivesse presa em um enorme presente, que anula quaisquer expectativas de futuro. Ao mesmo tempo, esse excesso transborda, sufocante, maculando memórias, relações, geografias. Mas há essa insistência que teima audaciosa em arder, ainda que pague um alto preço. As palavras carregam essa dor, esse cansaço, mas também se ancoram na coragem de um berro seco, que quebra a continuidade letárgica dos dias.

Sem certezas e à deriva, resta o corpo. E é nesse corpo que se processam os afetos, os dejetos, as fábulas e os desvarios. Esse corpo, que se rasga e se engasga e se comprime, retém saberes e experiências que, às vezes, permitem vislumbrar uma fresta. O contato desse corpo com os elementos naturais, muitas vezes, funciona como antídoto para que ele não submerja em si mesmo, remoendo marcas e cicatrizes. Mas sobretudo é um corpo de mulher, que se sabe desejo, dissabores, músculos em carne viva em constante diáspora. E então ele dança, ludibriando a morte e pautando, em ritmo inexato, outros modos de fazer poesia.

Pensar na presença da ausência é em si um convite ao delírio. É como ir em busca do infinito ou insistir em saber se o ovo precedeu a galinha. É um gesto em direção ao vazio, ao silêncio, à falta de respostas, uma procura pelos vestígios de algo que já não é mais, por ruínas. É ir, assumindo que talvez não haja possibilidade de retorno, rumo à perda de controle e à inconstância, na esperança de encontrar algum amparo, algum motivo para seguir. É nesse movimento que Vanessa convida-nos a acompanhá-la.

Na imensa solidão das páginas, resta cuidar de si mesma, sussurrar no próprio ouvido palavras doces que por vezes azedam e queimam a língua. Faz-se necessário encarar a violência contida na própria sombra e tentar subvertê-la, abandonando-se à própria sorte e, ao mesmo tempo, afirmando-se como lugar seguro de si. Nesse caminho entre vãos é que a poeta aos poucos reconhece e realiza a própria potência, o rio que a atravessa a despeito de sua vontade.

Claudia Chigres e Gabriel Abreu

Para todos aqueles que se perdem.

*Penso que não há saída para fora. Fui eu que
caminhei feito uma fera pela espinha dorsal do
mundo; foi ele que encontrei.*

(...)

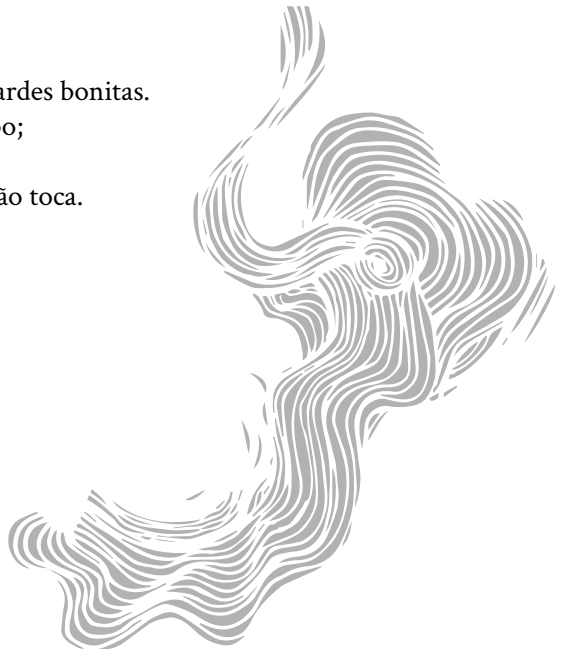
*escrevo que é preciso acreditar nas feras, em
seus silêncios, em seu comedimento;*

Nastassja Martin

ciranda

vives em busca de consolo, te ofereço martírio.
emprestas-me os paraísos escassos, cansados; vazios.
abro-te os infernos diários, salgados, doídos.
então me embalas na escuridão, meu barulho te abala.
e se me levas num balanço de rede, finco os pés no chão da sala.

aconteceu algo.
digo,
nada aconteceu,
porém houve tudo no espaço que ficou.
houve nada.
muito barulho,
gritos no vão do prédio,
os olhos se vendo pelas frestas.
janelas chorando ou sorrindo
e nada houve.
o pé de hortelã morreu.
plantas aguadas dia sim, outro não.
nunca datas, nem pessoas.
se esgueirando pela parede, sol.
cortes,
houve cortes.
não há datas.
lembranças de menos em tardes bonitas.
aconteceu algo com o tempo;
ficamos desbaratados.
e o sino da Igreja, às seis, não toca.



a porta de trás bate opaca
e o ferrolho estridente avisa:
estamos todos dentro das paredes
cruzando o lado esquerdo da rua.
seus passos rachados no assoalho amarelo de velho
batem aqui
um pigarro rasgante me enche a garganta
junto com seu cigarro
entalado em minhas narinas de infância
tem cheiro de dormir essa hora.
o cinzeiro transborda,
mas você continua a aparar as pontas dos dedos
no cigarro que nunca demora demais na boca acesa
palavras roucas balançam juntas ao seu corpo-rede
repousa.
repousa onde dormem as piúbas, as cinzas,
você e o cheiro impregnado de hora de deitar.



deitou cama comigo.
sonhei saia rodando
areia pé chão girando
corpo-dor se indo
voz vindo deitar em mim
o perdão já vinha vindo
e eu afeito a labirinto
me perdi no seu andar.

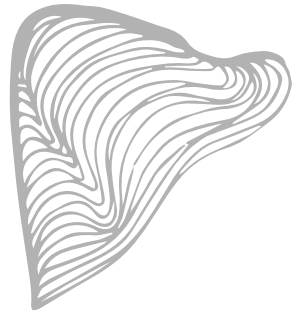
as coisas que morrem ou matam,
encerramos, à força, com cautela.
não é feitio delas durarem.
se duram, não o fazem por controle,
o fazem por audácia
que é esse o feitio das coisas;
duram para enervar e contrariar,
mais que para dominar.
não há coisa dominada mais
que gente possuída.
morrem e matam livremente.
resta aguardar que mate
ou que morra essa coisa que vejo
e ainda se move. ainda.
caminhando até que lhe quebre as pernas.



quebrar
começa pelas pernas
até as paredes ruírem,
então se quebra

a fala

entalada pela poeira da obra.
os gritos da construção
empilham
malfeitos;
juntar cacos
se faz da boca pra fora.
peito rasgado não.



estrangeiro

tirei pra lavar o coração,
deixei de molho antes de virar enxerto.
torci sem pesar.
ainda pinga no chão.

sem razão
para ser
eu não sou
um lugar seguro.



deixo cair água sobre a cabeça, incessante
na tentativa de lembrar o rio que me percorre
eu que sou rio gelado de farpas e você quando penetra
titubeia
deixa estar o corpo meio dentro, meio fora, cauteloso
meu rio caudaloso com seu corpo submerso
abranda



natureza morta

uma mangueira afrontosa
desponta em meio aos prédios
um coqueiro antigo e seus pares
cintilam contra a própria vontade
as árvores dançam à respiração do vento
no horizonte,
os pássaros migram na direção do amarelo-queimado
cai o sol na muralha de pedra.
o outono traz um Rio carinhoso
bandos revoam distraídos
em março,
um urubu me faz companhia

o peito direito esgarça desmancha e comprime do lado direito do corpo que por suposto há nada ali. do lado esquerdo, eu sei, puseram uma faca, bem no meio do lugar me disseram eu sentia alguma coisa. mas do lado direito comprime e esgarça desmancha na posição que deito para dormir ou não. não consigo dormir de lado que me rasga sempre um pouco às vezes mas sempre me rasga dormir e eu sinto a faca, abraçada ao travesseiro a ponta afiada me corta inteira; do lado direito a faca esburaca comprime e esgarça, eu sinto terem me posto uma faca no lugar onde devia ter o que disseram servia para sentir. mas eu digo, a faca me serve afiada todas noites. quando deito ela me esgarça desmancha e comprime.

em tu

me acompanha uma sombra.
o odor de terra retido nas narinas
como o suor que é teu único rastro.
ao que me agarro:
às pistas deixadas no cômodo,
à penumbra.
palavras puídas
entre meus dedos,
tua loucura.
confio à tu minha língua e,
então,
como teu outono.

a descarga de adrenalina acendeu meu turbilhão.
pensei em você,
essa falta que me aquece
e nesse lugar que a ausência ocupa.



preparo para chuva que cai
sem prenúncio e sem rastro
na terra vermelha
espécie de aviso:
passageira
o rio-mar afaga a tempestade
mais ao norte,
a água que escorre cheira quente
e ventos fortes abrasam dias tímidos
água é caminho;
tudo que toca é movediço.

o risco que corro

estar submersa não tem retorno.

eu não vi um rosto.
minto.
vi um rosto no espelho.
era Marina dentro de mim.
uns pedaços recortados,
dor e gozo
lava e lama
os mesmos medos em outras palavras,
ou as palavras construindo novas pontes.
li Marina várias vezes sem rosto
imaginei pessoas que fui.

portunhol

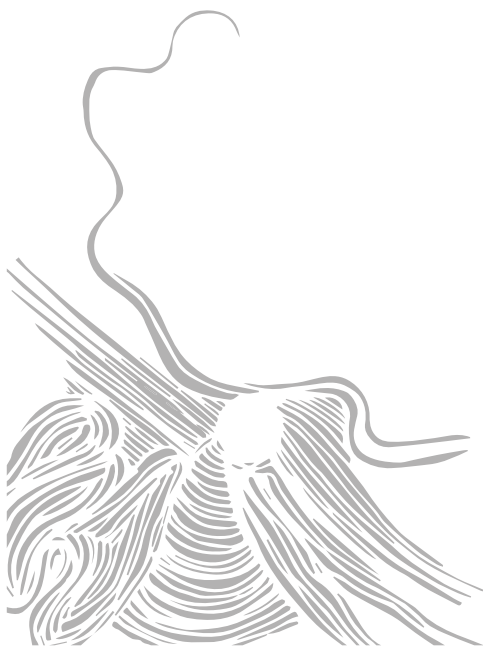
consegui. venci.
soy esta mujer
a quem todos los hombres desejam
os carecas, barrigudos,
os barbudos, mas, principalmente,
os casados.
mamá me pergunta:
“e os gatinhos?”
morriaram-se três.
la mamá segue viva.
mi mamá continua:
“e você, o que tem feito?”
me gustaría dizer:
“estoy intentando chupar una concha”,
pero és difícil hablar otra língua.
venci.
pago las cuentas.
arrumo la casa.
faço o que quiero de mi libertad.
como llorar a la noche quando me deito
pero baixinho
sou uma mulher livre,
mas a la noche me gustaría una conchinha.

ver-te dormir é desespero e alívio
presa nos teus olhos fechados,
não consigo esquivar
enxergo por cima dos ombros as sardas
sobem e descem contigo, em respiro
é silencioso aqui.
o ar espesso, o cheiro manso
ensaio as marcas e as cicatrizes
memorizo posições e gestos
a cortina dança, o vento acaricia
eu refém do teu sono
fora do teu delírio



da janela caem paralelepípedos
caem ao chão, da janela
ao chão, se quebram os dias
paralelepípedos não cansam de cair
sobre o chão
cabeças caem da janela e quebram.
paralelepípedos
de cabeça rachada caem
todos os dias das janelas o chão quebra
quando caem cabeças no paralelepípedo

é no estômago,
digo,
quero fugir de cá
do abismo
da ruína
e do fogo
digo,
deixe-me ir
embora de tudo
do intolerável
sair sem saberes
esquecer de entender
apagar onde brota
a razão,
digo,
fugir dela
esconder o perigo
pular amarelinha
suspender o juízo



abrem as pernas.
por onde ando abrem
as pernas
se abrem para mim.
insisto,
e abrem-se as pernas
por onde ando
invado
as pernas
se quero,
abro
as pernas.

1 poema com auxílio do Google

Diálogo com Angélica Freitas

uma mulher não presta
uma mulher não trai
uma mulher não geme
uma mulher não sabe quanto vale
uma mulher não é propriedade do governo
uma mulher não vai à festa
uma mulher não cala
uma mulher não faz preliminar
uma mulher não está sozinha
uma mulher não gosta de oral
uma mulher não é só vagina
uma mulher não bebe
uma mulher não serve
uma mulher não nasceu pra ser mãe
uma mulher não existe

poemas alterados_

sonhei com baleias depois da nossa conversa sobre golfinhos rosa no metrô sentido casa. me perguntaram se casava, disse que não. e se teria filhos, lhes disse que não. mas mulheres fora da água casam, elas disseram. aqui dentro, só nadam as mulheres; com nadadeiras, elas cantam. cantam as mulheres aí?, todo o tempo, respondi num golpe. caminhavam em procissão com caudas espumadas desmanchando o litoral. por suposto baleias casam de branco, pensei. diz o ditado que se nascem caudas, morrem piano; e, vestido cor de rosa, gato vira-lata vira boto.

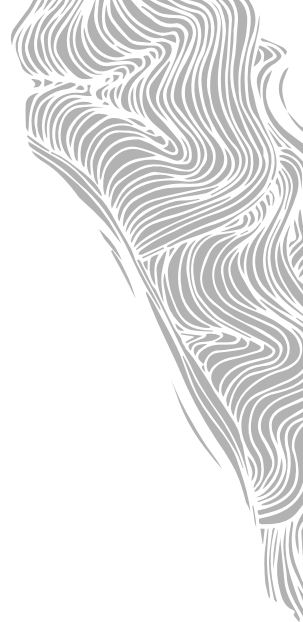
- em dia de festa?

achei prudente manter cintura fora d'água. da areia vi casamento sem distinção dos sexos; um mar feminino baleia. cantam as baleias aí?, perguntei. a brisa me alcançou na praia num guincho; o ritmo ondulava e cantavam as baleias. todo o tempo vivo cantamos e dançamos - rodopiavam. ouvi as palavras que me vinham sem sílabas, e as baleias me entendiam. acordei molhada e com sede. cantarolei todo o dia sem nadar.



o Gil tava lá
o pai dando uma festa
o Luiz
remexendo os quadris caboclos
em roda, em frevo
cantiga
o Gil cantou A paz
mirou em mim uma flecha sônica
havia ouvidos
que não chegavam a ver tudo
o pai desapareceu
dentro do povo
e o povo desapareceu dentro de mim

fazer desaparecer o traço
com os músculos dos olhos relaxados
extensos vazios.
avista o traço no alto do teto
decide desaparecê-lo
com olhos a postos.
as lentes aéreas.
a mira no alvo.

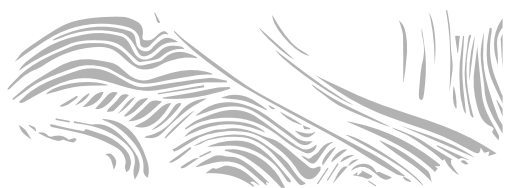


mas vai dizer - ao olho que tudo vê -, se não te viro a boca do avesso e se engolir com os olhos não é também um jeito de comer e pegar a coisa que começa de dentro?



a cena:
um homem
anestesiado e lúcido
condenado pela eternidade
bicado por pássaros
preso numa cruz
seus olhos serenos
piscam várias vezes
uma nova forma de comunicação
ele pisca, não abre a boca
assiste ao pouso dos pássaros
nada o incomoda
vê pequenas luzes se dissiparem
os olhos abrem e fecham
e elas mudam de cor e foco
se distrai
em carne viva.

Arituba só.
Tabatinga, barro branco.
que se pica, Pium.
Mipibu emerge
e mangaba gruda.
Camurupim cabeça dura,
o carcará arranhador.



ser tão transborda.
a palavra molhada
mas a boca seca
num diz coisa.
a miragem treme
o horizonte escalda
chão a perder de vista.
a terra barrenta
nas unhas libertas
nada esconde.
o sereno alumia.
a hora do tempo
não deserta a aldeia
as cadeiras ventando
é dia de missa
rasga-mortalha cantando
é dia de morte
tiro branco varando o céu.
por certo, Sertão é nome de gente
que se espalha
não cabe num lugar só.



quando rasga é que vem Deus
entre o limiar do medo e da loucura
depois da partida da Terra Santa
uma diáspora. um entre-lugar
nunca ir aonde se quer chegar
há doze passos de provação
desisto no primeiro. todas as vezes.
não carecia de tanta verdade dizer
todas as letras
se reparar é um jeito de fazer nascer,
dizer nasce grande demais desde os ossos
por isso que entalam a loucura e o medo
e, então, aparece Deus enganchado na garganta.

morrer dá fome

inveja de desapercibidos
passantes alheios;
viver sai mais caro pra quem sofre de atenção
ainda assim, em vida, dançar aos mortos é o que lhes devemos
enquanto chove uma canção lá fora
veja, não é descabimento algum
dançar ou sorrir em dia de desgraça
dançamos porque podemos.
é uma dívida que se paga de uma vez
murchar é despropositado
pior é para eles
o que nos sobra é mesmo tudo
pra engolir num gole
morrer dá fome.
confesso: ousou pensar tanto assim na morte
ela é minha maior motivadora e melhor companhia
tomar distância é custoso
gosto de tê-la perto como um aviso. alarmante.
e danço. danço porque posso.
porque os pés da morte são estáticos e não os meus.

cidade dorme.
reflexos do aquecimento global
sujo de cotidiano.
desejo sofre de distâncias.
a paz cor céu antes da tromba d'água.
um lugar seguro pra onde voltar, simplesmente
corpo é casa à deriva.
Leônidas na beira do rio;
reparar é um jeito de fazer nascer.
as palavras faltam no tempo das marés;
um peixe-voador morto,
é preciso desacostumar o olhar.
o indomável dança, ainda antes
procurar as frestas. rachar as estruturas
decidir entre a vela ou a âncora
onde casa começa ou termina
ladeiras sorriem
às misturas, ao acaso, sem prumo
no calor das horas.
o tempo é um jeito de não se perder
e é por isso que parecem anos dentro dos dias.
o bem, o bom, o belo.
o que não está existe,
outros modos de fazer poesia.





Vanessa Augusta nasceu em Natal/RN.
Encontrou na escrita formas de cura e fuga.
Depois se perdeu nas palavras.
Escreve sobre o visível, mas prefere
o que tem por trás.
Publicou seus primeiros poemas em 2013, no
zine *Cata-vento*, pela Editora Tribo.
É formada em Jornalismo pela UFRN e mestre
em Literatura, Cultura e Contemporaneidade
pela PUC-Rio.
Posta, sem qualquer regularidade, textos e
recitais em sua conta no Instagram, [@vaguta](#).

